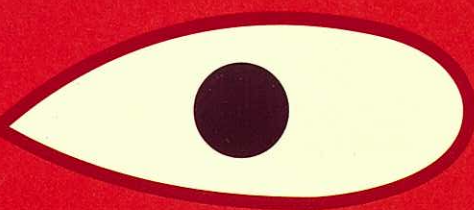


COLÓQUIO INTERNACIONAL  
PORTO 1996

# ALMADA NEGREIROS

A DESCOBERTA COMO NECESSIDADE



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA



# **ALMADA NEGREIROS**

## **A DESCOBERTA COMO NECESSIDADE**

**ACTAS**  
**DO COLÓQUIO INTERNACIONAL**  
*Porto, 12, 13 e 14 de Dezembro de 1996*

**COORDENAÇÃO**  
**CELINA SILVA**



**FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA**

DIOGO ALCOFORADO

*Universidade do Porto*

A PERPLEXIDADE DE ANTUNES  
OU  
A DIFÍCIL HABITAÇÃO DA *MODERNIDADE*

1. Se *Nome de Guerra* será, para muitos, o primeiro romance moderno português, Antunes, personagem central da obra e em torno da qual (ou: de quem...) toda a acção se organiza, e se desdobra, surge como paradigma de um posicionamento existencial que a própria *modernidade*, a um tempo suscita e actualiza<sup>1</sup>. De facto, se algo parece necessário assinalar, desde logo, é este carácter preciso: a elaboração de Almada introduz, através da aventura de um jovem provinciano trazido para Lisboa, alguns dos aspectos fundamentais daquilo que como *modernidade* é dito; e é no desenvolver da trama romanesca, e sem quebra do jogo que aí se desenvolve, que um núcleo cerrado de reflexões radicais sobre tal 'ideia' se expõe, por elas se abrindo um mundo sobre o qual, e contra o qual, as pessoais 'exigências de ser', desdobrando-se em múltiplos lances e planos de 'procura', se manifestam exemplarmente.

A base do romance é conhecida.

Antunes, oriundo de uma família de província, é enviado para Lisboa por sugestão de um tio, solteiro, para aí fazer a sua aprendizagem de vida e se "tornar homem". Atrás de si deixa Maria, rapariga simples e honesta, namorada com quem os pais o pensavam casar, — enquanto eles mesmos se dispõem a sustentá-lo, materialmente, na cidade grande, durante este período de descoberta e for-

in: *Almada Negreiros, A Descoberta como Necessidade. Actas do Colóquio Internacional (Porto, 12-14 de Dezembro, 1996)*.  
Celina Silva (coord). Edição da Fundação Eng. António de Almeida, Porto, 1998, pp. 491-503.

mação; e, confiado pelo tio a D. Jorge, velho conhecido, 'batido' nas lides cosmopolitas (ou em certas lides cosmopolitas...), libertino q.b., a introdução na nova sociedade faz-se por via 'nocturna', na frequência de um meio que lhe permite encontrar Judite, jovem mulher de hábitos livres, com quem cedo se relaciona e passa a viver, em quartos de hotel, numa situação tão nova como, para ele, problemática, — enquanto entre o desejo avassalador e o encantamento formal, a consciência da liberdade e a de crescente sujeição, e a progressiva solidão em que se reconhece viver, Antunes, dia após dia, se vai transformando. E é no decorrer das vicissitudes de uma tal vida, e do desencontro tanto com ela como com a memória de um passado assumido mas já inaceitável, que o percurso do jovem provinciano se realizará; o cansaço dos golpes, das artimanhas, e mesmo de outras ligações de Judite, o cansaço possível da própria dependência, é confrontado, e superado, pela notícia, súbita e brutal, da morte da quase esquecida, e talvez omnipresente, Maria, — infausto acontecimento que, de golpe, introduz Antunes num espaço outro e definitivamente privado: morta a fiel ex-namorada, é a amante que deixa de surgir como presença obsessiva, vinculadora e determinativa, essa Judite que é em breve ignorada, — enquanto um campo de encontro consigo mesmo, e com tudo quanto permita uma constituição autónoma de si, por si e para si, está, enfim, em vias de desenvolvimento. E se o afastamento do meio onde temporariamente se movera, e o aluguer de pequena mansarda com vista sobre o Tejo, e as reflexões nesse momento realizadas, apontam para a abertura a uma aventura inenarravelmente pessoal, onde o destino se cumprirá à luz de princípios que, de forma previsível, só podem ser de máxima grandeza e dignidade, — um tal posicionamento não vai implicar um qualquer regresso à terra natal, à província e aos seus valores estratificados e anquilosados: antes tal aventura virá por uma dinâmica de *procura* e de *conquista* diversas, geradoras de novas possibilidades onde passado e futuro se irão entrelaçar como fundo pessoal de 'realização', — ou, dir-se-á, de pessoal *salvação*.

Ora é esta *salvação* que, constituindo-se radical vocação humana no interior de um campo cultural que gerou e maximalizou tal categoria, necessariamente se ergue como princípio e fim de um tempo, ou de um modo, que é de inquietação e de mudança. O tempo da *modernidade*.

2. Se Lisboa não é nem Paris ou Praga, nem Viena ou Berlim, cidades emblemáticas de um período fulcral no espaço do Ocidente, — ela não deixa de surgir como ‘ex-libris’ de uma opção cosmopolita que com a *Modernidade* (e com o *modernismo*) tem a ver. A oposição *cidade/província* traduz-se, aqui, na aceitação, ou no reconhecimento..., de ser a cidade o lugar onde é possível ‘aprender a ser homem’, substituindo a prática de antigas virtudes re-produtivas pelo encontro com novas realidades, tanto objectuais como vivenciais. De facto, e desde logo, é o ‘tio solteiro’, sem descendência, que assume influência no aconselhamento, sugere a deslocação e traça, à distância embora, o tipo de companhias escolhido; e por aí, e como parece óbvio, se confrontam as dimensões da estável organização familiar e da mera continuidade, com o acesso a costumes diversos, à quebra da rotina e de alguns princípios axiológicos regrantos, a um entendimento da vida em que cada momento tende a bastar-se em si mesmo, — aqui na exaltação sensual de que Judite, e o meio que frequenta, são emblemas. A esta luz, a oposição *cidade/província* passa, de imediato, pelas oposições *noite/dia*, *fruição/trabalho*, *prazer/dever*, *tranquilidade/excitação*, *passado/futuro*, ..., num trânsito que o espaço definido pelo salão de dança e pelo hotel concentra; e se Antunes aí se vai movendo, o resultado primeiro é o de uma *estranheza* que se volve *solidão*, exigindo uma reequilibração que, pelo esforço adaptativo que impõe, não deixa de arrastar consigo uma disposição crítica, e autocrítica, cujos contornos radicam na estrutura valorativa que o processo de formação de Antunes, regrado e tradicional, necessariamente determina. Assim, a dinâmica axiológica ambivalente, na intensidade com que surge, tende a atacar quer os princípios tidos como inultrapassáveis, quer as novas atitudes em relação às quais não é possível reconhecer qualquer possibilidade de saída; e aquele que pudera recordar a cena portuense em que anónima figura feminina lança a um homem o epíteto atroz de ‘Desgraçador’<sup>2</sup>, é também aquele que, pelo encontro com Judite, e pela ruptura que um tal encontro permitirá estabelecer com quadros definidos de comportamento (e por uma e outra das realidades) terá de fazer de uma ‘educação sentimental’, e por ela, uma *educação existencial*, entendida esta no sentido mais amplo e profundo da expressão. Porque, se a vinda para Lisboa se dispunha a ‘preparar Antunes para a vida’, uma tal preparação comportaria, ainda, para aqueles que o enviavam, a crença na aprendizagem de esquemas

operatórios consensuais, a adequação a práticas que, embora diversas, poderiam ser mantidas sem abruptas questionações. Simplesmente, por razões de todo inclassificáveis, Antunes vai substituir aos mecanismos comuns e transmissíveis um dinamismo diferente: o que, a partir de um choque extremamente fundo, se abre a um caminho de *procura* cujo âmbito excede quanto seria possível esperar, — caminho desconhecido, ambíguo e misterioso, mas do qual, e só pelo qual, será pensável atingir a compreensão, e a justificação, da própria existência.

3. *Procura!* E se este vocábulo assume um lugar nuclear no interior de todo o processo que a *modernidade* constitui, ele deixa-se ver, em *Nome de Guerra*, com extrema acuidade. De alguma maneira poder-se-á mesmo dizer que todo o romance é, na sua construção, um *romance de procura*: aquela que a própria sucessão de capítulos curtos, concentrados, impressionantes, ajuda, estruturalmente, a definir, aquela que em lances sucessivos Almada desenvolve com meticulosa desenvoltura. Processo longo e atribulado, com desvios e hesitações, quedas e remorsos que o protagonista experiencia? Seguramente. A riqueza psicológica de Almada, a sua fidelidade ontológica, a própria consciência do que tem que ser a tensão da escrita, impedem qualquer redução a esquematismos lineares, a simplificações abusivas. A *procura* de Antunes vai passar pela sua inquietação, — e quase se alicerça naquilo que como *perplexidade* podemos designar. O choque resultante da assunção de realidades díspares impõe a descoberta de uma outra via, original, regrante, — passe tal processo pela angústia mais radical.

“O Antunes via que de facto a sua imaginação tomava novo rumo, mas também não deixava de ver que isto não alterava em nada os seus gestos, as suas maneiras nem a sua vida. Continuava como dantes: não fazia parte de nada deste mundo. A multidão passava, e ele ficava só, sem ter para onde ir. (...) Era outra a gente. Havia de começar outra vez, como se tivesse aparecido só agora neste mundo, aos trinta anos, pela primeira vez. // O seu empenho era misturar-se com a multidão, fazer parte da humanidade. E era o que não sabia fazer.”<sup>3</sup>

escreve Almada, falando de Antunes; e logo a seguir, em outro capítulo, acrescenta, reforçando posições cedo pressentidas:

“Ele tinha deixado passar a vez natural de todas as idades. Não foi criança na idade de ser criança, não foi selvagem na idade de ser selvagem (...) por culpa da sua educação em que o quiseram levar a bom fim, mas na qual ficou, afinal, encalhado no meio da vida! Agora tinha que emendar: havia de ir buscar outra vez o seu inconsciente, desenterrar as suas energias espontâneas que ficaram sequestradas, para ter uma vontade que luta. // Mas o mais difícil era esquecer o que lhe ensinaram. O mais difícil era ficar outra vez ignorante: aquela genial ignorância das idades onde se começam todas as coisas deste mundo.”<sup>4</sup>

Passagens longas, por certo, — mas, possivelmente, decisivas. Cedo expostas, no interior da economia do texto, elas assinalam a questão fulcral que o protagonista terá de enfrentar; e uma tal questão, no carácter exemplar que propõe, é o problema central de tudo quanto com a vertente romântica da *modernidade* se relaciona: o de uma incessante investigação alicerçada nas virtudes imanentes do sujeito, por ela visando ultrapassar, nos limites do que ao homem é possível, a própria finitude. Questionando todas as construções e quadros integradores que a tradição aceitava sem discussão, o percurso faz-se, agora, sobre uma dimensão crítica, e de crise, devastadora; e se, assim, a transformação se anuncia, logo a consciência perceberá que ela não pode ser instantânea e global, — enquanto a mudança radicará numa aguda situação de desconforto e, mais, de solidão. Frente ao mundo, Antunes vive um tal estado: ‘A multidão passava, e ele ficava só’, foi dito; e este ‘ficar só’, ou ainda: ‘estar só’, na grandeza que pode transitoriamente assumir, obriga a rever todos os princípios organizativos (gnosiológicos, axiológicos, ...) que regem a relação com o Mundo, com os outros, consigo mesmo. A aventura particular que assim se inicia transforma-se, sempre, numa aventura metafísica: ‘começar outra vez’, na sua exigência, implica ver as coisas ‘virginalmente’, recusando todas as categorias antes definidas, ou cristalizadas; e se este é, para muitos, um desejo insensato, ou mesmo irresponsável, ele é partilhável, e essencial, em determinado momento histórico, que o vê irromper em distintos domínios de realização humana<sup>5</sup>.

Assim, e à semelhança de quantos tiveram de começar de novo, abrir caminhos, enfrentar, sós, o desconhecido envolvente, equilibrar uma afectividade em vias de estilhaçamento, Antunes, personagem de Almada, assume o estatuto de ‘herói moderno’, por mais aparentemente triviais que sejam os seus propósitos no que respeita a uma



Obra, de qualquer tipo, que nunca se entrevê; mas, se um tal aspecto falta, logo uma outra dimensão irrompe, inquestionada: o seu compromisso, o seu projecto, irá ser com a Vida, consigo, com a sua realização própria, nos limites das suas possibilidades. E é no momento da perplexidade, e por ela, que a dupla instância, contraditória ou não, da *analiticidade* e da *fuga*, que o romântico Hofmannsthal encontra como característica da *modernidade*<sup>6</sup>, se manifesta. Fugir, 'misturar-se com a multidão', é um desejo tão instantâneo como problemático: modo extremo de superar a solidão, vontade de 'ser com', de 'pertencer a', de 'fazer parte de', ..., — ele é, simultaneamente, o resultado de uma analiticidade impiedosa, mesmo que informada, e de uma incapacidade de aceitar o posicionamento daí decorrente; e se este 'ir com a multidão' pode ser a reacção imediata, o momento de *alienação*, ou de *perda*, que certos autores tenderam a ver nos processos de massificação que a cidade suscitava, e que numerosos pintores, curiosamente, representaram com subjacente espírito crítico<sup>7</sup>, — ele pode ser também o momento da equilibração, ou a condição da equilibração, a partir do qual uma nova vida se torna viável. Quer dizer: para casos particulares, ou para indivíduos excepcionais, o simples sonho de se 'misturar com a multidão', efective-se ele ou não, é apenas um momento a ser ultrapassado, condição, talvez, da própria ultrapassagem de si. E se a analiticidade foi uma das causas de uma angústia que outros jamais sentirão, é essa mesma capacidade que pode vir a permitir, em um ou outro caso, a recuperação, pela superação dos estados de divisão, ou mesmo de fragmentação: quando tal divisão for capaz de suscitar partes re-integráveis, — e quando misteriosa força as permita juntar e manter unidas, por mais estranha que seja a nova configuração. Mas, ainda aqui, uma nova solidão tenderá a gerar-se: aquela que, embora agora aceite, não impede o reconhecimento da diferença, e de que somente um caminho pessoal, indiferente a um critério 'colectivo' de selecção e aferição, puder ser cumprido. Fecundo, um tal caminho não é, por isso, menos duro; mas ele é a única via, aquela a que, sem perda definitiva de si, não é possível fugir.

Vocação a poucos reservada? Possivelmente. Mas Antunes, a seu modo, parece poder pertencer a tal grupo, — ou, tão-só, o destino encarregar-se-á de o fazer pertencer. De facto, aqui, como em outros casos singulares, uma central inversão (metodológica, dir-se-á) ocorre: à semelhança de Picasso, a quem uma passagem afim



é sempre atribuída, Almada pode escrever: “Não se procura, encontra-se.”<sup>8</sup>; e se uma tal expressão questiona qualquer consciencializado e predefinido projecto, no que tal termo contém de fixa previsibilidade e meticuloso cálculo, — logo se deve interrogar: ‘Será possível encontrar algo que não se tenha previamente procurado?’ E: ‘Que encontro é este, de onde vem uma tal possibilidade se ele não é já um re-conhecimento?’ Ora, a partir daqui, as hipóteses multiplicam-se, — e as interrogações adensam-se. É que, a um tal nível, ‘encontrar’ é apontar o lugar onde os valores (forças, aparências exemplares, estruturas, ..., talvez até um ‘pensamento sentido’...) irrompem, e o espírito penetra, e a linguagem, necessariamente metafórica, consente tais imagens...; e a possibilidade do encontro decorrerá de uma co-essencialidade de nebulosos contornos, e que o presente, ocasional (?) presente, tende a actualizar.

Mas são estas interrogações, e é esta tensão, que, ao abrirem o sujeito a uma dinâmica que lhe é, a um tempo, íntima e estranha, o abrem à dimensão múltipla em que habita, às possibilidades integradoras de realidades díspares, a uma vivência onde a transespacialidade, e a transtemporalidade, se desenrolam e desenvolvem. Valerá a pena afadigar-se alguém a querer o que apenas o acaso, ou o destino, no momento certo, se encarregará de propiciar? E se o tempo, e o conjunto de sucessos que nele ocorrem, necessariamente vão determinando os modos de ser de quem os vive, e se consciente e inconsciente por vezes se confundem através de quanto a vida fez de cada um, — Antunes, figura aqui paradigmática, seguirá as regras do jogo em que está envolvido, esperará (?) que o imprevisível acontecer marque o momento em que a ‘recuperação’ possa surgir.

4. A que cansaço será preciso ter chegado, ou vazio, ou, ao invés, extrema tensão, para que um facto irremediável, e pessoalmente nítido, se encare com um frio distanciamento, — e, contudo, se venha a revelar decisivo na vida de quem o conhece? Que ambígua relação se instala para, na sua ambivalência, se tornar determinativa? E: que espera é preciso existir para que uma tal ocorrência assuma o lugar daquilo que, talvez, sempre se tenha esperado?

“Não lhe disse nada aquela notícia: morreu a Maria. A única surpresa que ele recebeu foi consigo próprio por não lhe ter dito nada aquela notícia.”<sup>9</sup>, reflecte Antunes, posto perante a lacónica

informação familiar. Mas, se se esperaria que a frieza da reacção assumisse o carácter neutral de quanto permitisse que a vida continuasse idêntica, e que nenhuma alteração substancial dela derivasse, — uma tal esperança revelar-se-á, de imediato, errónea. É que “Quando o Antunes leu ‘morreu a Maria’ ele viu mais outras palavras que lá não estavam. (...) Na sua vida estava escrito assim: ‘morreu a Maria, acabou-se a Judite’. // Com efeito, um peso imenso tinha-lhe saído dos ombros.”<sup>10</sup>; e aquilo que podia ter sido uma indiferente realidade volve-se matriz de uma causalidade sem nome, inscrita, por indizíveis desígnios, no mais recôndito do espírito do sujeito. Que ligação é possível estabelecer, de facto, entre um e outro dos acontecimentos, ou entre um tal evento e uma tal disposição? Ou ainda, e tão-só: será possível pensar que a atracção por Judite surgiu como a reacção, visceral, à presença mental de Maria, a um futuro de perpetuação, medíocre ainda, da mediocridade que ela, possivelmente, significava? A esta luz, Judite era a anti-Maria, — por mais que uma e outra se encontrassem no mesmo tabuleiro: a de um destino que pela relação sexual se tendia a definir. E se esta dimensão não pode ser excluída de qualquer projecto que Antunes venha a conceber, o que ela não parece é poder ser entendida como a condicionante fundamental da sua aventura, ou da sua *procura*. E se, surpreendido, Antunes pode nem sequer perceber a razão da sua indiferença, ou da sua aparente indiferença, os resultados não deixam de ser exemplares: a partir daqui é outro caminho que se abre, por mais perplexa que a personagem se possa encontrar. E talvez fosse necessário ir mais fundo para pensar que ‘não lhe ter dito nada aquela notícia’ correspondia ao facto de ele, por Judite, já ter afectivamente morto Maria, — mas também, por Judite, permitir que ela continuasse presente em si, por mais subterrânea que fosse tal existência.

Mas se ‘na sua vida estava escrito assim’, nada haveria a fazer; como nada haveria a fazer Judite com a vida dela, agora que, não obstante todos os desmandos, “estava calhada com o Antunes”, porque este “acordara-lhe uma pureza que tinha sido violada um dia, mas ficara intacta para sempre.”<sup>11</sup>, e agora tudo tinha de voltar à incerteza da sua profissão espúria; “E agora, quando ela começava já a transfigurar-se, a regressar por assim dizer à sua virgindade, a reaver a sua inocência, a vida deu-lhe contra-ordem (...): tinha sido um engano!”<sup>12</sup>, acentua o texto, em passagem que um ponto de exclamação reforça. Os desencontros, e os caminhos da redenção,

curiosamente, cruzam-se, e desfazem-se; mas se a possível superação de um é a queda de outra, ambos sonham, ainda, uma possibilidade de saída como via inscrita no mais íntimo de si, sonho de mudança, talvez de transcendência. Por modos díspares, a *salvação*, ou aquilo que um e outro pensam poder ser, revela-se sem mácula: o que pode acontecer é não poder ser possível a ambos, ou a ambos na mesma ocasião, — e a ambos da mesma maneira.

5. Se Antunes assume o lugar central do romance, e é em torno dele que construção e intriga se desenvolvem, necessário é recuperar o seu protagonismo, acompanhá-lo no desenvolvimento do seu percurso. E, de novo, a dinâmica que o anima passa pela perplexidade, — se a uma tal perplexidade como ‘dinâmica’ podemos designar. Frente a si e frente à realidade, o desconcerto continua; e Antunes quer encontrar o seu equilíbrio e encontrar-se a si, o projecto (?) dependendo, presente-se, ..., de quanto a ‘Vida’, ou o que por tal se entender, for capaz suscitar.

“Havia dias que o Antunes se encontrava num estado de espírito de que era urgente sair. Era como um passageiro com tudo pronto para seguir viagem e sem notícias do barco que o há-de vir buscar.”<sup>13</sup>, escreve Almada; e se a metáfora do ‘barco’ aparece, é a viagem que se aponta: aquela que a cada um cabe realizar, por si, para si, para ser mais em si por ser aquilo que se pode efectivamente de si, ..., — pelo cumprimento de si. *Salvação? Individualidade?* Individualidade que apenas se constitui pela esperança, ou no âmbito?, da salvação, — salvação que começará por ser construção de segura e distinta individualidade... Processo circular, que apenas o modo de inserção no Mundo, e o tipo de imagem que perante si mesmo se constituir, e a consciência de integração que tal modo e tal imagem determinarem, permite conceber. Processo que é percurso e fixação, mudança e vontade de permanência, abertura e domínio...

Ora, se a angústia latente se tenderia a desenvolver, o acaso (?) intervém: que quarto foi possível a Antunes alugar, pequena mansarda com vista para o Tejo, lugar de refúgio e solidão acrescida, distante a um tempo da província e da agitação cidadina, — agora passivo instrumento de recuperação abissal? Sem que se saiba, os encontros ocasionais determinam o que há a vir; resta que o passado se articule, integre, desenvolva, estabelecida que seja a

‘desaprendizagem’ necessária de quanto não era necessário continuar a saber.

“Saiu da cama e subiu os três degraus para chegar à janela. (...) O Antunes descobriu que a noite nascia da terra. Um transatlântico imenso custava a deslocar-se no cais, como um mau pensamento leva tempo a deixar-nos. O resto do dia juntava-se todo a Oeste. A outra margem perdia o volume e achatava-se num plano. Cada vez ia cabendo mais tudo dentro de uma só olhadela. Poder-se-ia ver Portugal inteiro de uma só olhadela, como no mapa, em aeroplano? // — Palmela e Almada. De cá, Sintra e Santarém. Mouros, Afonso Henriques. Os cruzados. E desde então até hoje. Até aqui a esta água-furtada. Até mim. Tanta gente e tantos séculos encarreirados por aqui: as quinas, Avis, caravelas, o pelicano, a esfera armilar, Filipês, azul e branco, encarnado e verde, e continua. Nada para mim. Portugal.”<sup>14</sup>

Perdido no meio da cidade grande, só, a visão do espaço geográfico, circunscrito, volve-se visão dilatada de âmbito espacial e histórico, faz confluír momentos díspares, acontecimentos referenciáveis, introduz um contínuo que é, em si, integrador justificante, possível apaziguador de tensões insuportáveis; e se os dois períodos finais da passagem transcrita podem ser fonte de discussões sobre o sentido que assumem à luz da problemática de Almada, algo não parece ser passível de discussão: é pela categoria da *História*, aqui sucintamente apontada, que, a um tempo, *individualidade* e *salvação* se entrevêem, numa ligação que, aparentemente contraditória, só pode ser resolvida pela dimensão da procura em que Antunes está imerso. De facto, é no interior desta amplitude específica que quer a continuidade quer a singularidade se tornam possíveis, é no seu seio que tradição e diferença podem confluír: a História tudo pode abarcar, e abraçar desde que não falte cada um à dupla dimensão em que se move: a da sua autenticidade e a da sua criatividade, condições de uma ‘possibilidade de ser’ cujo recorte é sempre o de uma construção perante o futuro, único meio de justificar o presente, ou mesmo o próprio passado. E se, dando azo à explicitação de posições que durante dezenas de anos se tornariam recorrentes, Almada invocará os astros, ou tomá-los-á como matriz nomeável de um ignoto avassalador, — é Antunes que irá sentir, e, reflectindo, acentuar:

“Os astros mandam! E mandam uma coisa para cada um! E esta ordem sereníssima dos astros é uma verdadeira anarquia

para a sociedade!"<sup>15</sup>, e mais tarde: "Cada um de nós não pode deixar de ser o próprio, e ainda que para isso lhe seja indispensável a maior das forças de vontade. Efectivamente, o que os astros mandam não é para ficar no céu. No céu ficam os astros apenas. Nós somos exactamente o que eles mandam. E, verdade verdadinha, antes obedecer aos astros do que a outros."<sup>16</sup>, — numa sequencialidade em que 'vontade pessoal' e 'obediência aos astros' assumem interligação que apenas uma não citada dimensão gnosiológica, sob a forma de 'visão', e 'crença', poderia explicitar (?), ou reduzir.

Mas, se, aqui, é a invocação astral que irrompe com foros de quase necessidade justificativa, de golpe entrelaçando, e subsumindo, as vertentes principais que podem configurar uma dinâmica específica, — o que efectivamente se jogava era um destino pessoal capaz de, ao assumir a consciência de *ser senhor de si*, realizar-se como *individualidade*; e, como *individualidade*, marcar o seu lugar na *História* e, por tal via, singular e distinguível, *salvar-se*. As três grandes categorias que parecem reger a *modernidade*, encontram-se aqui cumpridas; e se Antunes irá perceber que "A sociedade é uma mediania a transpôr pessoalmente"<sup>17</sup>, o que está em causa não é, neste caso, a efectivação de um destino artístico, que nada sugere, mas somente a 'possibilidade de ser', pelo completo desabrochar de virtualidades autónomas, no interior do corpo colectivo, mas sobre (e se for preciso: contra...) ele, no exercício de uma *sinceridade* entendida como dimensão fundamental de manifestação: "Quando um homem que ainda não se encontrou tem todo o ar de ainda não se ter encontrado, bravo! Em vez de lástima merece respeito, é um sincero que nasce! // Ninguém no mundo se pode queixar de ter sido vítima da sua sinceridade. O que pode é cada um ficar surpreendido com o facto de a sua sinceridade o ter levado mais longe do que lho permite a sociedade. Esta é outro caso. // (...) Mas a única maneira que existe no mundo para revelar cada um, a si e aos outros, está dentro de cada um mesmo, é a sua sinceridade."<sup>18</sup>, reflecte o Autor; e se vai ainda mais longe, e acrescenta: "Depois de tudo ainda é necessário que a nossa sinceridade seja perigosa."<sup>19</sup>, — o que se visa é uma capacidade eclosiva e transformadora que a cada sujeito (ou a cada sujeito 'especial'...) é concedida, para, por ela, ajudar a transformar, e a avançar, o mundo. *Sinceridade* à qual, enfim, cada um terá de ser fiel; e se outros designarão esta sinceridade por *autenticidade*<sup>20</sup>, agora pouco importa: o que perma-

nece é a aventura pessoal, a capacidade de superação, o exemplo. Talvez por isso, a perplexidade que atravessara, e marcara, recorrentemente, o percurso de Antunes, a angústia que determinara inquietações e quase desânimos, desembocara, pelo encontro com a História, com os Astros, consigo mesmo, numa atitude de amplo equilíbrio, de dilatadíssimo alcance: “O infinito era-lhe acessível. Via ao longe. O Antunes perguntava-se se seria o mesmo: ver ao longe e ver o longe.”<sup>21</sup>; e logo: “Ver ao longe é um dom especial de certas pessoas, sobretudo daquelas que não é pelas realidades alheias que caminham.”<sup>22</sup>, — para concluir, radical e eticamente: “A condição para saber ver ao longe é estarmos dentro de nós se se trata do próprio, ou de ter renunciado a si mesmo se se trata dos outros.”<sup>23</sup> Agora, o percurso de Antunes, fenomenologicamente explicitado, marcado pelos encontros e desencontros mais radicais, completou-se no que à constituição do paradigma diz respeito. Figura central na galeria de personagens da Literatura Portuguesa, ele realiza um tipo exemplar do *moderno* exemplar: aquele que, ainda, uma preocupação de Absoluto rege, aquele para quem a acção não é nem gratuita agitação nem mera conquista de lucro ou prazer disperso, — aquele que *procura*, pelas suas virtualidades, atingir uma singularidade que, apenas, a consciência avalizará e, ao avalizar, em si mesma concentra, pacificada.

Enorme, assim, a perplexidade de Antunes foi o seu ponto de partida: o momento e o lugar do salto, — a possibilidade da sua resolução.

## NOTAS

<sup>1</sup> Embora a opinião seja avançada, não interessa discutir se será *Nome de Guerra*, efectivamente, o primeiro romance moderno português, ou se esse lugar cabe a *Húmus*, de Raul Brandão, como muitos outros sustentam.

De qualquer modo, e ultrapassando tal questão, o que surge como óbvio é que em *Nome de Guerra*, e pela aventura de Antunes, se actualizam as que parecem ser as grandes categorias da *Modernidade: História, Individualidade, Salvação* (v., o meu texto: «Em torno da noção de Modernidade. — Breves reflexões», in *Rev. Portuguesa de Filosofia*, Tomo L, fas. 1-3, Braga, 1994), as quais atravessam quanto uma tal ‘ideia’ comporta.

Significativamente, José-Augusto França, na Introdução que escreve para uma edição recente de *Nome de Guerra* (Círculo de Leitores, 1987) designa-o como ‘romance de salvação’.

<sup>2</sup> *Nome de Guerra*, p. 27, Editorial Estampa, Lisboa, 1971.

Todas as citações remetem para esta edição, sendo a obra designada como N. G.

<sup>3</sup> *N. G.*, p. 65.

<sup>4</sup> *N. G.*, pp. 67/8.

<sup>5</sup> Desde a Pintura — e veja-se como o Impressionismo introduz um corte radical com todas as representações já anquilosadas —, até à própria Filosofia, onde a Fenomenologia vai impor, com Husserl e seus seguidores, um *regresso às próprias coisas*, e introduzir uma abordagem nova e exigente do Mundo.

<sup>6</sup> Hugo von Hofmannsthal, 'Gabriele D'Annunzio', cit. por James McFarlane, 'The mind of modernism', in *Modernism*, p. 71, Ed. M. Brandbury and James McFarlane, Penguin Books, 1981.

<sup>7</sup> Vejam-se certas composições de Munch, ou Ensor, ou Kirchner, ou...

<sup>8</sup> *N. G.*, p. 73.

<sup>9</sup> *N. G.*, p. 177.

<sup>10</sup> *N. G.*, pp. 177/8.

<sup>11</sup> *N. G.*, p. 173.

<sup>12</sup> *N. G.*, p. 173.

<sup>13</sup> *N. G.*, p. 195.

<sup>14</sup> *N. G.*, pp. 198/9.

<sup>15</sup> *N. G.*, p. 202.

<sup>16</sup> *N. G.*, p. 207.

<sup>17</sup> *N. G.*, p. 212.

<sup>18</sup> *N. G.*, p. 212.

<sup>19</sup> *N. G.*, p. 213.

<sup>20</sup> Como todos os posicionamentos filosóficos de cariz existencial acentuam.

<sup>21</sup> *N. G.*, p. 224.

<sup>22</sup> *N. G.*, p. 224.